

Edizione diplomatico-interpretativa

	I
[O] que u(os) nunca cuydeya di zer./con gram coyta senho [u]olo faley / de como me mataua mor/ ca sabe de(us) ben. que senhor/ que eu non au mey. /	O que vos nunca cuydey a dizer, con gram coyta, senho vo-lo faley de como me matava mor, ca sabe Deus ben que senhor que eu non au mey.
	II
E todaq(ue)sto mi fez fa[z] * deuos ei / e desi p(or) u[os] morria de q(ue) ei / be(n) uor / e de soy mays fre me matardes be(n) uolo bus	E tod?aquesto mi fez faz de vós ei, e des i por vos morria, de que ei, ben vor; e des oymays, fre me matardes, ben vo-lo bus
	III
E creedes q(ue) auey p(ra)zer / deme m eu certo sey / q(ue) esso pouco q(ue)ei de hu(n) p(ra)zer nu(n)ca ueerey / ep(or) q(ue) soo de[s] semi q(ui)s(er)des dar morte senh(or) / p(or) g(ra)m uolo terrey. /	E creedes que avey prazer de me m eu certo sey que, esso pouco que ei de hun prazer nunca veerey; e, porque soo des se mi quiserdes dar morte, senhor, por gram vo-lo terrey.

- letto 172 volte